

Soneto! Mal de ti falem perversos
que eu te amo e te ergo no ar como uma taça.
Canta dentro de ti a ave da graça
na gaiola dos teus quatorze versos.
Quantos sonhos de amor jazem imersos
em ti que és dor, temor, glória e desgraça?
Foste a expressão sentimental da raça
de um povo que viveu fazendo versos.

Teu lirismo é nostálgica tristeza
dessa saudade atávica e fagueira
que no fundo da raça nos verteu
a primeira guitarra portuguesa
gemendo nossa praia brasileira
naquela noite em que o Brasil nasceu...

Menotti Del Picchia, Soneto; em *Grandes Sonetos da Nossa Língua*, José Lino Grünewald, Nova Fronteira 8801

Uma cadeira vazia,
num canto, quase escondida,
faz-me chorar a alegria,
que meu pai me dava em vida.
Antonio Zanetti, em
O Pitiguari 0210

Ser poeta é ter no peito a tormentosa
chaga funesta em ânsias retratada.
É ver em tudo a forma mais formosa
e num sonho incensar a coisa amada.
É sentir todo o tempo a melindrosa
alma do riso em pranto mergulhada
e querer, versejando ou mesmo em prosa,
dar forma ao sentimento que por nada

o priva do prazer e mais maltrata.
É mergulhar em tudo de repente,
é ser um deus alheio ao paraíso.
É ter fortuna, mais do que ouro e prata,
guardada para o sonho preso à mente
– ser entre o tudo e o nada algo indeciso.

Nilton *Fernando Maciel*, Ser Poeta; em *Nanico*, 9805
Rua Haroldo Torres 1111/101, 60357-100 – Fortaleza, CE

O nome do mito encerra
a própria missão que traz:
Bonaparte espelha a guerra,
mestre Ghandi espelha a paz!
Ederson Cardoso de Lima, em
Trovalegre 0304

Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,
saui-me certo, fui elogiado...
meu coração é um enorme estrado
onde se expõe um pequeno animalculo...
A microscópio de desilusões
findei, prolixo nas minúcias fúteis...
minhas conclusões práticas, inúteis...
minhas conclusões teóricas, confusões...

Que teorias há para quem sente
o cérebro quebrar-se, com um dente
dum pente de mendigo que emigrou?
Fecho o caderno dos apontamentos
e faço riscos moles e cinzentos
nas costas do envelope do que sou...

Fernando Pessoa, *Barrow-on-Furness – IV*; em *Grandes Sonetos da N. Língua*, J. L. Grünewald, Nova Fronteira 1988

Pombas-da-paz prometidas
pelos países mais ricos,
não portam ramos floridas
e sim ogivas nos bicos.
Heribaldo Gerbasi ?, em
BI UBT SP 0304

Quando a gente é moderado,
costuma, sempre sensato,
falar no instante adequado,
calar no momento exato.
João Batista Serra, em
O Pitiguari 0211

O tal, sigilo bancário,
é, um sistema funesto;
pra proteger salafatório,
tranqueiro e desonesto.
Pedro Grilo, em
O Pitiguari 0209

Relâmpago na noite
revelando na colina
a capela branca...
Clície Pontes
Preguiçosamente
estica-se o orvalho
em folha macia.
Dalva P. Cunha

Passos claudicantes
sob o céu coberto de outono
lágrimas cinzentas.
Estela Bonini
Estrela cadente
no seu rastru luminoso
um desejo meu.
Fanny Dupré

No quintal deserto
a silhueta do gato.
Lua cheia
Jorge Lescano
O clarão da lua,
geada de luz sobre o brejo,
aquece a seresta.
José N. Reis

Meus longos cabelos
são cortados pelo trote...
Sorriso dos pais.
Neide R. Portugal
Ao virar a esquina
saindo detrás do prédio –
a lua cheia.
Paulo Franchetti

Da mata chegando
mensagem do pica-pau:
estou almoçando.
Teruko Oda
Cheiro de amendoim.
Os estudantes noturnos
na fila do ônibus.
Tomoko Narita Sabia

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de *Natureza – Berço do Haicai*, **Kigologia** e *Antologia*, 1996.
Esta obra (provavelmente única em português) talvez ainda possa ser encontrada em Neko Books, a/c Luis Hanada, Rua Verzequeiro 727, Sala 301, CEP 01504-001 – São Paulo, SP.

Mãe! eu quero mais...
menino lambendo os dedos.
Pamonha acabada!
Anita Thomaz Folmann
Abro um velho álbum, *
uma folha amarelada.
Por que a guardei?
Djalda Winter Santos

Entre as ramas verdes
antecipando o inverno,
folha amarelada.
Cecy Tupinambá Uliôa
Cálidas lembranças °
em folhas amareladas...
eu ainda guardo!
Edel Costa

Gritos estridentes:
uma arara do seu galho
saída o novo dia!
Djalda Winter Santos
Folha amarelada *
do livro antigo, na estante,
desperta a anciã...
Heloisia Sauerbronn Brandão

Um pio fininho
brinda a goiaba furada...
Sanhaço no galho.
Fernando Vasconcelos
Folha amarelada °
entre a página do diário:
a flor do tempo.
João Elias dos Santos

Depois do café
o menino arma a arapuca
e fica espreitando...
João Batista Serra
Folha amarelada °
guarda perfume de mãos...
O ontem no hoje.
Leonilda Hilgenberg Justus

Neste inverno frio,
sozinho no meu cantinho...
coração vazio.
Cada quarto de hora
o galo marca intervalo
quando chega a aurora.

Pobre ave canora!
Coitada! Se, engaiolada...
não mais canta... chora!
Taça exposta ao sol...
tesouro esculpido em ouro
– lindo girassol!

Na redinha tesa,
a aranha muito se assanha
tendo a mosca presa!
Qual noiva ataviada:
a lua na rota sua
percorrendo a estrada!

A seca persiste.
O trigo chora comigo...
mal granado e triste!
Flor, fruto e semente.
Sem flor... adeus ao amor,
deserto somente!

Primavera é vida,
com flores, e seus olores,
alegrando a vida.
– Coitado palhaço!
Com graça lude a desgraça
driblando o cansaço.

Maurício Fernandes Leonardo (0-43) 258-4182, do *livrete Haicai – “Declaração de Amor à Natureza”*
Rua Santa Catarina 34, CEP 86200-000 – Ibiçara, PR

Leva o pelotão
Jesus condenado a cruz.
Grita a multidão.
1ª Estação
Na rua de novo,
Jesus toma sua cruz
diante do povo.
2ª Estação

Tal seu sofrimento
Jesus cai com sua cruz
faminto e sedento.
3ª Estação
Muda despedida:
Jesus seu olhar conduz
a quem deu-Lhe a vida.
4ª Estação

Carregando a cruz,
Simão, um simples pagão,
acode Jesus.
5ª Estação
E, causou espanto
o rosto do Cristo expan-
to
num singelo manto.
6ª Estação

Cansado e abatido
Jesus cai com sua cruz.
É forte o alarido.
7ª Estação
Comoção geral –
Jesus arrastando a cruz
perto do final.
8ª Estação

Sentindo ainda mais,
Jesus, o peso da cruz,
Seu corpo ao chão vai.
9ª Estação
O manto sorteado –
e o Cristo por todos visto,
corpo ensangüentado.
10ª Estação

Antônio Seixas, antseixas@bol.com.br, do *livrete O Caminho da Cruz*, 0304
Rua Dr. Eduardo Portela 82, Centro; CEP 25900-000 – Magé, RJ

Esas mujercita que ves
con el pelo blanco
esa mujercita que ves
vestida de negro,
es a la mujer
que más quiero y más
quiero porque yo una vez
fui dolor de su carne.

Esas mujercita que ves
con los ojos tristes.
Esas mujercita que ves
con los labios secos,
es a la mujer
que más quiero y más quiero
porque yo he vivido
mezclado en su sangre.

Ella me invitó a beber de su cuerpo,
ella me enseñó la primera palabra
ella me ayudó a caminar por el suelo,
y a que fuera feliz en mi infancia...
Y me regaló el primer tren de lata
y me protegía del hambre y del frío
y me dibujaba castillos y hadas
y árboles muy grandes al lado de un río.

Me enseñó a rezar con palabras sencillas
me indicó el camino que lleva a la gloria
y lo malo y bueno que existe en la vida
para que jamás me apresaran las sombras...
Me enseñó a pensar con los pies en la tierra
me explicó el porqué del amor y la ira
y por qué en el cielo se ven las estrellas
y por qué en la tierra los hombres se envidian.

– O gosto não se discute...
– E só mo dizes agora?
creio melhor se desfrutir
quando a gente o aprimora.
Manoel F. Menendez
A beleza do meu Rio,
se acha estampada em bronze,
em formas que anos a fio
moldaram a Praça Onze!
Agostinho José de Souza

Manuel Alejandro (Letra y Música en CD), *Esa Mujercita*, Pasarela, S. L., Sevilla; <http://www.pasarela.com>

O verdadeiro carinho
enche a alma de emoção
e segue, devagarinho,
pela estrada da afeição!
Tanto tempo nós perdemos,
que, agora, em pleno depois,
na vida em que ainda temos,
há tempo para nós dois?
Para cantar a criança,
tento encontrar rimas novas,
mas de todas, a esperança
é que cabe em minhas trovas!

Quero bemóis de ternura
e uma partitura nova,
para cantar a ventura
nos versos da minha trova!
Hoje, em mim, é alvorada...
Sinto gorjeios no ar...
A Terra ainda está prateada
pelos raios de luar!

Como o sangue dos farrapos,
o gostoso chimarrão,
corre nas veias dos guapos
e alimenta a tradição!
Caminhando pela rua
nas noites de solidão,
minha alma se expande
em cirandas de emoção!

Mate-amargo! Chimarrão!
Tu, que um verde sangue estampas,
és a própria tradição
dos verdes campos dos pampas!
Olhando o povo com fome,
fico triste e, às vezes, penso:
– Como há gente que não come
tendo um chão tão rico e imenso?
Para que nunca se perca
o ideal antifroneiras,
minha casa não tem cerca,
nem alambrado ou porteiras!

Assim seguimos, eu sobre os cavalos desenfreados,
e você (às vezes) a puxar as rédeas.
Assim seguimos, eu a me entregar em mil pedaços,
e você (às vezes) a catá-los com excessivo vagar.
Assim seguimos, eu cada vez mais amante,
e você (às vezes) a acender as luzes.
Assim seguimos, eu a morrer de amores,
e você (às vezes) a enviar sem lágrimas.

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S OUTONO

Caquis pendurados em galhos frondosos, brilham... Doces pomos de ouro! Amália Marie G. Bornheim	Pinhão, a semente, vermelhinha, vermelhinha. A água fervendo. Haroldo R. Castro	Passaro ciscando vai replantando um pinhão. Sombra dos pinheiros. Maria App. Piccano Goulart
Tambores na mata! Em diazêno de abril, o do deo do Índio. Antônio Sexas	Ceiam pescadores... perfume a molho manguíga... Robalos à mesa! Hermoclydes S. Franco	Milhões de xirrinhas numa festa singular: - Dia do Café! Maria Madalena Ferreira
Rio São Francisco - no contraste da seca, dourado brilha. Carlos Roque B. de Jesus	Jardim zoológico. E, sozinha, num poleiro, uma arara imóvel. João Batista Serra	Manacãs florescem em meio à mata fechada - tarde perfumada. Maria Regina Lahruciano
Inseto voando; mais parece um helicóptero! É uma libélula! Cecy Tupinambá Ulhôa	Caqui bem maduro. Menino e fruto, cúmplices da degustação! João Elias dos Santos	Abro a geladeira: mas pra que tantos tomates? São caquis maduros! Mariemy Tokumu
Formas indistintas bailam no salão do céu: um fugaz relâmpago... Darly O. Barros	Carícias da brisa nos caquis fazendo sons. As folhas se movem. Leda Mendes Jorge	Árvore tombada, folhas secas pelo chão. Louva-a-deus sem lar. Nadyr Leme Ganzert
Crianças jantando, mexerica na sobremesa. Cheirinho indiscreto. Djalda Winter Santos	Vindo do pomar menino de mãos vazias. Cheira a mexerica. Leonardo C. dos Santos	Plantadas em fila neste jardim tão antigo - as cristas-de-galo. Olga Amorim
Jóias preciosas no belo estejo dos galhos; um pé de abacate! Elen de Novais Felix	Numa curva... surge crisântemos e crisântemos e o sol no poente. Leonilda Hilgenberg Justus	guei meus campos floridos com águas de março. Olga dos Santos Bussade
Colhe a moda antiga o arroz no brejo viçoso vizinhança amiga. Fernando L. A. Soares	Trem. Avisto em cena folhas já amareladas. Estação Outono... surge Luís Koshitiro Tokutake	Pescando robalo, Pescadores puxam, a custo. Robaleira cheia! Olíria Alvarenga
Sedução nasal, dentro da noite tranqüila. Manacá florido! Fernando Vasconcelos	Crianças vizinhas como adoram o meu quintal com os caquis maduros... M. U. Moncam	Poça no gramado, e pelos pêndões sem flores cores de libélulas. Sergio de Jesus Luizato
Braçadas de flores vai cobrindo o céu de outono. Paineira rosa. Guim Ga	Para a driblar, passa aqui, recua lá... no campo, a libélula. Manoel F. Menendez	Atenta, a comuna faz a colheita do arroz. Que dor na coluna! Sergio Serra



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS

Remeter até 30.05.03, quigos à escolha:

Dia do Soldado, Mocho, Rio Seco.

Remeter até 30.06.03, quigos à escolha:

Dia do Fazendeiro, Lua Envoada, Salgueiro.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu motivo principal: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Precherer até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos - palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixo de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL * - TREVO PERSONAGEM *

Trinta e dois anos o casa, cama e berço - dia-a-dia das mães.
Carlos Roque B. de Jesus
Ouço, na cantina * a canção napolitana que mamã cantava...
Guim Ga

Maus tratos num dia; presentes, flores, bilhetes, outro... Dia das Mães.
Lávia Lacerda Menendez
É Dia das Mães! - Na agenda de muitos filhos...
...Dia da Saudade!
Maria Madalena Ferreira

U M A C O N V E R S A

V U L G A R

Afonso Henrique de Lima Barreto (1881-1922), Editora Scipione Ltda., 1990

HAUCUS EM FOLHA

E noite no cais. A mulher aguarda o barco que a neblina esconde. Walma da Costa Barros	Um véu de neblina, veste de noiva a manhã, no templo de outono. Elen de Novais Felix	As luzes desmaiam. Um véu de neblina veste a rua deserta. Walma da Costa Barros
Neblina na serra: sobre o topo da montanha, coroa de prata. Renata Paccola	Flores no jardim abrem as suas corolas, sorvendo a neblina. Antia Thomaz Folmann	Um rosto enrugado sorri, grato pelas flores, no Dia da Sogra. Elen de Novais Felix
Um trem na estação. Sobre o amor, desce a saudade. Neblina no aldar. Angélica Villela Santos	O céu da neblina cobrindo o vestido verde da bela floresta. Regina Célia de Andrade	Retalhos do céu. Neblina vestindo a ermida. O sino goteja. Darly O. Barros
Sob a luz da lua, na vidraça da janela a neblina escorre. Analice Feitoza de Lima	Neblina na serra. Farol acesso dos carros evita acidentes. Cecy Tupinambá Ulhôa	No Dia da Sogra, uma saudade discreta. - Lágrima nos olhos! Humberto Del Maestro
Anoitece. O morro se enrolando num casaco feito de neblina... Djalda Winter Santos	Neblina, na serra! Desaparece o horizonte, mas brilha uma estrela... Amália Marie G. Bornheim	No mar, bem ao longe, procuro pelos navios. Neblina atrapalha. Nadyr Leme Ganzert
Meus olhos anelam uma pinha pendurada amadurecendo. Diego Brito Sousa	As pinhas maduras, gozando a sombra dos bosques, perfumam o ar... Amália Marie G. Bornheim	Feirante não vê. Pinhas dando água na boca da pobre criança. Analice Feitoza de Lima
Um quintal, sozinho, menino se divertindo: pinha debulhada. Alba Christina	Descida da serra. Um bar guarda lotado o fim da neblina. Renata Paccola	Subindo a montanha, cadeiras do teleférico entram na neblina. Renata Paccola
Marujos se perdem. Envoltos pela neblina navios naufragam. Walma da Costa Barros	Cadeira vazia na mesa sem alegria sogra tem seu dia. Amairi do Amaral Campos	Sumiram as pinhas do pé ao lado da cerca. Deixado estilingue. Diego Brito Sousa
Na beira da estrada, o vendedor ambulante com pinhas maduras. Sergio F. Pichorim	Na estrada encoberta, luzes de faróis perpassam a densa neblina. Amália Marie G. Bornheim	Pinha bem cozida permanece quente ainda. Crianças em volta. Regina Célia de Andrade
Manhã de neblina névoa densa tão rasteira, não se vê a mata. Maria App. Piccano Goulart	Campanha toca perfume de rosas entra... Dia da Sogra. Antia Thomaz Folmann	A chuva passou. Espessa neblina encobre os casarões antigos. Olíria Alvarenga

O meu conhecimento com aquele venerável velho me viera devido às relações que mantive com um seu neto, que fora meu colega de colégio. Isto que se passou comigo e ele, e conto agora, deu-se há anos.

Tinha eu totalmente, por aquela época, abandonado os estudos, o neto já havia falecido; e, abandonando os estudos, como se diz, procurara e já ocupava um emprego público. Apesar da irremediável falta do meu antigo colega, continuava a freqüentar a casa do velho Florêncio, cujas conversas muito apreciava. A sua residência era fora da cidade, em um sítio lá pelas bandas de Campo Grande, bem tratado, com muita laranja, capados, galinhas, perus; e a casa de moradia era vasta e tinha muitos cômodos.

Ele morava com a filha, mãe do meu antigo colega, uma moçetona, irmã deste, e um seu irmão, que poderia ter aí os seus cinqüenta e poucos anos, um tipo acabado de pequeno proprietário rural das nossas terras.

Este irmão, o mais moço dos quatro, sendo que dois já eram mortos, tinha tido uma mocidade acidentada; e, aos quarenta e poucos anos, sossegara, fazendo-se o mais plácido roceiro que se pode imaginar.

Aposentando-se Florêncio no lugar de escrivão do almoxarifado da Marinha, viera ele morar com o irmão ali, acompanhado da filha, viuva com dois filhos, um dos quais, o homem, como já disse, fora meu colega no internato secundário.

Quando cismava, sem mesmo me anunciar, ia aos sábados para lá, dormia e todo o domingo, fosse a cavalo pelos arredores, fosse jogando o solo, nós três - ele, o irmão e eu -, passava-o eu na maior satisfação. Não era lugar bonito, mas era são, e toda a gente do velho Florêncio era de uma meiguice para mim de me encher de saudades quando saía de manhã, segunda-feira, para vir para a morrinha da repartição.

Calhou aquela segunda-feira cair em dia que era do recebimento da sua aposentadoria no Tesouro. Florêncio disse-me logo, pela manhã, na segunda-feira: - Você, Banderira, acompanha-me até o Tesouro, que quero ir com você até ao Pão de Açúcar, no tal bonde aéreo.

Sendo os primeiros dias do mês e eu não tendo faltado até ali, podia bem acompanhá-lo no passeio que premeditava.

Florêncio contava perto de setenta anos mas ainda era forte, pisava com liberdade e segurança e a sua conversa tinha o pitoresco e o encanto singular de

ser como as memórias vivas do Rio de Janeiro.

Muito observador, com uma memória muito fiel para datas e fisionomias, tendo vivido em certas rodas de algum destaque, podia-se, conversando com ele, saber a vida anedótica do Rio de Janeiro, quase desde a coroação e sagração de Pedro II, em 1841, até os nossos dias.

Apreciava-o muito por isso, e, sem precisar prová-lo, bastava um incidente qualquer, uma velha casa avistada, em qualquer parte, um encontro, um sobrepeno, para ele me contar histórias pitorescas da vida social, política, sentimental ou escandalosa do segundo reinado.

Saimos do Tesouro logo que recebi o seu dinheiro, e fomos em demanda do Largo de São Francisco.

Notei que ele olhava para um lado e outro, como procurando alguém. Quase no meio da praça, quando a atravessamos, em direitura à Rua do Ouvidor, veio a seu encontro um homem, não muito velho, orçando aí pelos quarenta e poucos, mas avelhantado, sujo mesmo, barba por fazer. Era mulato claro, de feições regulares. Logo que se apertaram as mãos, Florêncio disse ao outro:

- Você não foi ao Tesouro!
- Atrasei-me...

E gaguejou, sem encontrar desculpa.

O velho meu amigo não esperou que ele a encontrasse e foi dizendo:

- Você não toma juízo... Onde você está morando?
- No mesmo quarto, Seu Florêncio.

- Por que não vai lá para casa descansar um pouco?

- Seu Florêncio, é longe... Aqui sempre faço os meus biscoites...

- Bem. Tome lá, Ernesto.

E puxou uma nota de dez mil-réis e deu-lha.

Senti no olhar do Ernesto uma doida vontade de ir-se, logo que sentiu o dinheiro na algebeira.

Afinal deixamos o rapaz e reencetamos o caminho da Rua do Ouvidor. Eram quase duas horas da tarde e o Largo de São Francisco, se bem que decaído do antigo movimento, quando todas as linhas de bondes de São Cristóvão e Tijuca nele paravam, tinha alguma agitação.

Emparelhávamos com a estátua, quando o velho Florêncio me disse:

- Você conhece esse homem?
- Não.

- É filho do Visconde de Castanhal.

- Como? O capitalista?

- Sim; o capitalista.

- Não se acredita.

- Vou contar a você como ele o é. Quando Castanhal chegou aqui era simplesmente José da Silva.

Homem tenaz, abriu, onde hoje é a luxuosa Rua Gonçalves Dias, antiga dos Lateiros, uma casa para vender leite em copos, em garrafas e laticínios. Não havia dessas casas na cidade e logo foi a dele se afreguesando. Silva atendia à freguesia na sala; e no interior, para encher as garrafas, lavar os copos, cozinhar para ele e tratar da sua roupa, tinha uma preta com quem vivia amasiado. Na Rua Gonçalves Dias, canto da do Ouvidor, naquela época, vinham parar os bondes da Jardim Botânico, cujo título era então em inglês. José da Silva lembrou-se de gelar o leite, isto é, pôr certo número de garrafas mergulhadas no gelo, que vinha da América do Norte, nos porões dos navios, pois ainda não se havia descoberto o processo de fabricá-lo artificialmente. O leite gelado pegou, como se diz; e sendo o lugar freqüentado, em breve José da Silva viu-se obrigado a aumentar a casa que até aí só tinha duas portas. Um outro seu patricio invejou-lhe a sorte e Silva, finório que era, tratou logo de passar o estabelecimento adiante com grande lucro. Mas... eu não contei a você uma coisa.

- Qual é?

- O Silva e a crioula tiveram um filho e o mulatino cresceu até aos cinco ou seis anos, na leiteira de Silva, conhecido dos fregueses como filho dele.

Assim o conheci. Passaram-se cinco ou seis anos sem que eu soubesse do Silva, crioula e filho, quando, indo a Catumbi e passando na porta de uma estalagem, vejo aproximar-se de mim uma crioula que me tratava pelo nome. Disse-me que era a rapariga de José da Silva, em cuja casa de laticínios me conheceu. Há três anos - é ela a falar - ele, o Silva, a abandonara, para casar-se convenientemente. Nada dera a ela nem ao filho; e a sua vida, com o pequeno Ernesto, havia sido até aquele dia um tormento de angústia e de misérias. Mandeí que me procurasse em casa. Morava por esse tempo com minha mãe e irmãos na Rua do Senado, numa casa de altos e baixos, com uma chácara que dava para o morro já desaparecido. Falei a minha mãe que a admitisse em casa ao que ela acedeu; e, por minha

vez eu, que já estava na Marinha, consegui colocar o moleco no arsenal como aprendiz. Minha mãe morreu, etc. etc... O pequeno prosperou, aprendeu a ler, fez-se em breve oficial; e, quando acabamos com a casa paterna, ele pode armar a sua e sustentar a mãe. Parecia marchar muito bem e Ernesto nunca me deixou de procurar. Gostei sempre dele, pois era bom filho, honesto, zeloso, e digno de toda a proteção. Há não sei que desgosto recalcado nessa gente, não sei que ponto fraco, que rachadura, que eles acabam sempre arrebatando de alguma forma. Este Ernesto depois da morte da mãe deu em beber. Perdeu o emprego e vive agora como você vê. Tenho muita pena dele, dou-lhe dinheiro, sabendo mesmo que é para beber; mas não sei que coisa me diz, que tenho alguma culpa nas carraspanas que transformaram esse rapaz ou na razão da transformação que o levou a bebedeiras contínuas, que me apiedo dele, do seu vício e lhe dou dinheiro.

- Que pai!

- Não há muito que censura-lo. Hoje, não sei; mas, naquele tempo, essas ligações preliminares, intróito e prefácio do venerável casamento com bênção sacerdotal e sacramental da Igreja, eram admitidas; e as suas rupturas simples, inflexíveis, assim como a do Silva com a mãe do Ernesto, não vexavam ninguém. Os futuros sogros, para dar o sim aos futuros genros, só admitiam uma coisa: é que elas, as rupturas, se realizassem e os seus genros futuros nunca mais procurassem, não só as raparigas, o que era justo, mas o filho ou filhos também...

Nós tínhamos chegado à Avenida Central. A moderna via pública tinha o movimento do costume: os mesmos mirones, os mesmos estafermos com as mesmas caras idiotas para as mulheres e moças que passavam. Subitamente, Florêncio pega-me pelo braço e, apontando, diz:

- Você sabe quem é aquela moça que vai ali?

- Onde?

- Com aquelas duas senhoras?

- Quem é?

- É a filha mais moça do Castanhal; é irmã do Ernesto que acabamos de deixar.

Ainda me demorei olhando pelas costas a moçoila que seguia em direitura à Rua do Ouvidor; e considerei bem o seu vestuário caro, na moda, de cujo corpete surgia o pescoço bem modelado e de uma linda tinta moreno claro.